

O sabor amargo da torta de maçã: gênero, classe, raça e experiência feminina em *West Boston* (1800-1820)

Jaqueline Stafani Andrade, USP¹

Resumo

O artigo trata de discussões e contribuições teóricas e metodológicas no campo da história no que se refere à história das mulheres e de gênero. Tem como principais objetivos o levantamento de algumas críticas e vertentes dessa temática na historiografia estrangeira e brasileira e, principalmente, tem como foco de análise os papéis femininos prescritos e expectativas morais e sociais para as mulheres no século XIX nos Estados Unidos, bem como, busca levantar àqueles que, cotidianamente, escaparam ao prescrito e ao normativo na cidade de Boston, Massachusetts.

Palavras-chave: Gênero; Raça, Classe; Boston; Cotidiano.

Abstract

The article deals with discussions and theoretical and methodological contributions in the field of history regarding the history of women and gender. Its main objectives are the survey of some critiques and trends of this theme in foreign and Brazilian historiography and, mainly, it has as a focus on analysis of the prescribed female roles and moral and social expectations for women in the 19th century in North America, as well as, seeks to expose those which, every day, escaped the prescribed and normative in the city of Boston, Massachusetts.

Keywords: Gender; Race; Class; Boston; Every day.

Introdução

Fruto das transformações ocorridas nas últimas décadas do século XX no campo da história, as abordagens que visam incorporar os sujeitos históricos antes deixados à margem do discurso historiográfico trouxeram consigo a emergência de diversos temas e formas de abordagem, incluindo, entre elas, a história das mulheres. A partir de sua manifestação mais acentuada em fins da década de 1980 e sobretudo na década de 1990, as distintas vertentes que buscam levar em conta as mulheres ao longo do tempo passaram a assumir contornos específicos, procedimentos teóricos e metodológicos próprios e acabaram por contribuir, à sua maneira, para o campo mais amplo da história.

Inserido nessa discussão, o estudo “Gênero, história das mulheres e História Social” (1990) de Louise A. Tilly, busca traçar alguns dos diversos caminhos historiográficos percorridos pelo que autora denomina de a “ciência das mulheres no tempo” (TILLY, 1994, p. 30), apontando, para tanto, algumas de suas mais preponderantes problemáticas. Segundo a

¹ Mestre em História Social pelo PPGHS da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP - Universidade de São Paulo, Cidade Universitária. São Paulo, SP - Brasil. Orientada pelo Prof. Dr. Robert Sean Purdy. Bolsista FAPESP, processo nº. 2018/05395-7.
E-mail: jaqueline.stafani@yahoo.com.br

historiadora Norte-Americana, tais abordagens, de forma bastante geral, apresentam um caráter pouco analítico e se consolidam sobretudo a partir da predominância de uma visão descritiva e interpretativa, resultando, dessa forma, em contribuições consideravelmente menores à teoria e ao método no campo da história.

Segundo Tilly (1994), essas abordagens, seja de história das mulheres ou mesmo de gênero, compreendida muitas vezes como um sinônimo da primeira, evitam “colocar e resolver problemas analíticos” (TILLY, 1994, p. 35) e acabam por se centralizarem em um “(...) princípio regulador essencial da história das mulheres (...) a ideologia das esferas, com a esfera pública aberta somente aos homens e a esfera privada enquanto espaço das mulheres” (TILLY, 1994, p. 37). Apesar disso, a autora também ressalta a importância desses trabalhos para a visibilidade da “experiência das mulheres” e aponta caminhos profícuos, sobretudo em abordagens que buscam levar em conta também a história social.

Em um contexto acadêmico e historiográfico distinto de Tilly (1994), Maria Odila Leite da Silva Dias (1994), pioneira nos estudos das mulheres na historiografia brasileira, trouxe, ainda na década de 1990, uma perspectiva historiográfica distinta, também descritiva e interpretativa, mas profundamente crítica, teórica e analítica, que não apenas busca abordar a história das mulheres, mas contribui explicitamente para teoria e método dentro do campo historiográfico, a partir do que a autora chama de “hermenêutica do cotidiano”.

Segundo Maria Odila (1994), a epistemologia feminista, ainda em seus primórdios, já havia superado alguns parâmetros historiográficos antiquados, tais como categorias lineares e a ideia de progresso. Contudo, além dessa, sua outra grande contribuição teórica e metodológica no campo da história viria, sobretudo, da perspectiva de que sujeito e objeto do conhecimento estariam profundamente diluídos entre si e, dessa forma, partilhariam de uma experiência de mundo.

A junção dessa epistemologia ao que a autora denomina de hermenêutica do cotidiano – um estudo daquilo que é vivenciado e experienciado no dia-a-dia por determinados sujeitos em determinadas conjunturas –, possibilitaria, para a abordagem da história das mulheres, o surgimento de “outras interpretações de identidades femininas”, emergindo, a partir de então, “não apenas a história da dominação masculina, mas sobretudo os papéis informais, as improvisações, a resistência das mulheres” (DIAS, 1994, p. 374). Para Maria Odila (1994), portanto, essa metodologia engajada “jamais se restringiria aos discursos normativos sobre as mulheres” (ODILA, 1994, p. 374), lançando luz, dessa forma, a diversas vivências e experiências possíveis em um mesmo período histórico.

É portanto, a contrapelo do prescrito e do normativo, que a historiadora brasileira propõe sua hermenêutica do cotidiano, contribuindo, portanto, “com certa dose de relativismo para documentar as diferenças, delinear formações específicas (...), mostrar a diversidade e fluidez das relações de gênero e dos conceitos relativos aos papéis femininos tidos como universais” (DIAS, 1994, p. 378).

Dessa forma, partindo da contribuição teórico-metodológica de Maria Odila (1994), o presente artigo buscará compreender a história das mulheres nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX, tendo, para tanto, duas linhas de compreensão: primeiramente, a investigação dos papéis femininos prescritos, ou seja, aqueles que figuravam como expectativas morais e sociais para as mulheres no período e, a partir deles, buscar mapear, mesmo que esparsamente, o terreno do proscrito, profundamente centrado no cotidiano e na experiência feminina fortemente demarcada por perspectivas de raça e classe.

Para tanto, tem-se como principais questões: O que é ser mãe e mulher no século XIX Norte-Americano? Haveria somente diferenças entre ser mãe nos estados do Norte e nos estados do Sul? E, sobretudo, como a experiência feminina, no bojo do desenvolvimento acelerado dos centros urbanos se deu em um estado não escravista e em um centro urbano como Boston? A fim de explorar tais questionamentos tem-se como fontes os relatórios da *Boston Female Society for Missionary Purposes* redigidos entre os anos de 1817 e 1819 pelos reverendos James Davis e Dudley D. Rosseter e os censos de 1800 e 1820. Documentos a princípio profundamente permeados pela ótica institucional, mas que, se postos em análise, podem apontar rotas diárias que escapam pelas bordas do institucional e do discurso normativo.

O século XIX Norte-Americano e as experiências femininas

Um dos pontos mais controversos em relação à abordagem feita tanto pela história de gênero, quanto pela história das mulheres diz respeito à noção de “experiência feminina”, compreendida muitas vezes enquanto uma categoria inerente e universalmente compartilhada por toda a condição feminina.

Tal perspectiva, contudo, vem sendo desde a década de 1990 bastante debatida e pormenorizado, como se propuseram os estudos de Maxine Baca Zinn e Bonnie Thornton Dill (1996). Em *“Theorizing Difference from Multiracial Feminism”* (sem tradução), as supracitadas autoras, importantes difusoras do chamado “feminismo multirracial”, alertam

para os perigos de historicamente se enxergar as diferenças, principalmente no que se refere ao gênero, como meros pluralismos ou enquanto exceções a uma regra comum.

Deste modo, para contribuir de forma assertiva para a solução dos problemas da diferença no conceito de gênero, Zinn e Dill (1996) voltaram seus estudos às estruturas de dominação contidas nas relações sociais, principalmente àquelas que se referem à importância da raça na compreensão da construção de gênero. Como base nesses estudos e pressupostos teóricos a historiadora Rosie Knight (2018), em seu recente artigo “*Mistresses, motherhood, and maternal exploitation in the Antebellum South*” (sem tradução) busca dar respostas, dentro de delimitações mais específicas, a este problema da universalidade da experiência feminina pela maternidade e, ao mesmo tempo, abordar o problema da ambiguidade de ser tratado como mera diferença, tendo, contudo, como foco o que seria uma experiência feminina nos estados do Sul dos Estados Unidos no século XIX.

Segundo Knight (2018), o poder retórico da noção de maternidade como experiência feminina compartilhada e, portanto, comum ao gênero, foi empregado em diversos discursos e com finalidades muitas vezes conflitantes. Sendo, inclusive, construído como fundo argumentativo tanto para o movimento abolicionista, quanto pelo republicanism pró-escravidão. Essa ambivalência em posicionar um mesmo argumento sobre a maternidade acabou por ofuscar a pluralidade de experiências e, principalmente, o papel que algumas mulheres exerceram na opressão de outras. Dessa forma, Knight (2018) busca apontar como as hierarquias de gênero foram construídas dentro da escravidão sulista antes da Guerra de Secessão e imprimiram, além de violências senhoriais rotineiras, prescrições sociais quanto à maternidade escrava e senhorial.

Nesse sentido, em relação às senhoras, a maternidade era apenas exercida a partir de sua autoridade indireta, que explorava o trabalho maternal da escrava, ao mesmo tempo em que a desqualificava para o exercício de sua própria parentalidade, moldando e impondo, dessa forma, uma compreensão do que seria ser mãe e mulher no Sul dos Estados Unidos do século XIX.

Questionando, portanto, a noção de vínculo afetivo que a maternidade proveria nas relações entre as senhoras e as escravas, Knight (2018) coloca em cheque questões levantadas na historiografia contemporânea sobre a temática, como é o caso dos trabalhos de Marli Weiner e Vera Lynn Kennedy, que concluem que tais vínculos poderiam desafiar, mesmo que temporariamente, as relações de poder, a partir do estabelecimento de laços afetivos que, até certo ponto, abrandariam a relação autoritária entre a senhora e a escrava.

Para Knight (2018), pelo contrário, a maternidade como um laço afetivo compartilhado nas relações escravistas não aproximava pela experiência, pelo contrário, por critérios de classe e raça os distanciava, pois tratava-se da exploração de um trabalho, o materno, pelo qual as senhoras exerciam sua parentalidade e autoridade perante suas escravas e filhos. Dessa forma, a autora pontua:

A parentalidade das senhoras era dependente da ‘exploração materna’ das escravas; Além de realizar trabalho doméstico de forma bastante ampla, a lavagem, o cuidado, a alimentação e a supervisão das crianças, elas caíram no campo das ‘amas’ escravizadas. O uso do trabalho escravo era, de fato, o principal meio pelo qual as senhoras moldavam seus próprios papéis como mães. Simultaneamente, a maternidade das mulheres escravizadas também era um local de exploração materna intra-gênero (...) (KNIGHT, 2018, p. 2).²

Assim, a maternidade não seria um campo de aproximação, mas sim de tensão e distanciamento, demarcado pela autoridade senhorial exercida na hierarquia escravista. Uma hierarquia que, inclusive, era imposta a escrava antes mesmo da exploração de seu trabalho como ama de leite, por exemplo, por meio do controle de sua vida afetiva, do policiamento de seu comportamento e, possivelmente, do controle do tempo de nascimento de seus filhos, para que fossem concomitantes aos da senhora, facilitando, dessa forma, os cuidados com o recém-nascidos senhoriais.

Nos estudos de Knight (2018), o que nos interessa de sobremaneira diz respeito não apenas à importância das diferenças e hierarquias construídas dentro da categoria de gênero, mas, sobretudo, à caracterização a que as mães escravas eram submetidas. De um lado aptas a exercer o trabalho materno sob a supervisão e autoridade da extremosa mãe senhorial, as escravas eram, por outro lado, vistas como incapazes de desempenhar sua própria parentalidade; taxadas como insensíveis e relapsas, seus filhos poderiam ser vendidos ou empregados no trabalho desde muito cedo. A presteza em desempenhar o trabalho materno cuidando das crianças senhoriais acabou por, em grande parte, criar um papel bastante difundido na cultura norte-americana cristalizado na figura de “*Mammy*”, uma mulher negra, dotada de ótimas habilidades culinárias e bastante cuidadosa com os filhos de famílias brancas, mas não com seus próprios.

² Tradução livre. Original em inglês: “Mistresses’ parenting was reliant upon the ‘maternal exploitation’ of female slaves; in addition to performing domestic labour quite broadly, the washing, dressing, feeding, and supervision of children fell into the purview of enslaved ‘nurses. The use of slave labour was, in fact, the principal means through which mistresses shaped their own roles as mothers. Simultaneously, enslaved women’s own motherhood was also site of intra-gendered maternal exploitation, to which this article turns its focus (...)”

Essas imagens de servilidade feminina negra representavam as mulheres como mães indiferentes ou ausentes para seus próprios filhos, mas dedicadas aos cuidados com brancos. Como tal, exemplificaram o redirecionamento do amor, trabalho e lealdade das mães escravas de seus próprios filhos para os filhos de seus senhores e, de tal maneira, os senhores desenvolveram e reforçavam a posse branca da maternidade e do trabalho materno das mulheres negras. As mulheres negras eram, dessa forma, representadas como sem capacidade ou desejo de criar seus próprios filhos, mas eram perfeitamente adequadas para o "trabalho real de cuidar de crianças" para os senhores (KNIGHT, 2018, p. 3).³

Assim, para Knight (2018), a hierarquia acentuada entre maternidade senhorial e o trabalho materno exercido pela escrava contribuiu, para além da opressão intra-gênero, também para negar a parentalidade das escravas, enquanto as senhoras mantinham sua autoridade e parentalidade supervisionando e instruindo “apropriadamente” como nutrir e cuidar de seus filhos. Tal visão contribuiu para a sustentação de uma hierarquia doméstica que consolidou papéis compreendidos como superiores e subordinados e, sobretudo, racializados. Nesse sentido, a posição da maternidade entre as relações de poder na escravidão enfatiza o quanto esse espaço de experiência feminina, que seria comum ao gênero, não é ausente de divisões e hierarquias de raça e classe.

O contexto trabalhado por Knight (2018) é bastante significativo quanto à construção dessa hierarquia racializada intra-gênero nos estados do Sul dos Estados Unidos. No entanto, no mesmo período, alguns estados do Norte, como Massachusetts, já haviam abolido a escravidão. Nesse sentido, cabe questionar: poderiam as diferenças constituídas por hierarquias de gênero, raça e classe permear o século XIX nos Estados Unidos como um todo, mesmo a despeito de a abolição se dar de formas distintas nesses dois blocos?

Em *Mysteries of sex Tracing Women & Men through American History* de 2006 (sem tradução) Mary P. Ryan, em uma perspectiva distinta, mas igualmente interessante, busca traçar o processo de mistificação pelo qual a distinção entre homem e mulher é criada, adaptada e repetidamente recriada ao longo da história dos Estados Unidos (RYAN, 2006, p. 3). Em seu segundo capítulo, “*Who Baked That Apple Pie and When: How Domesticity Conquered American Culture*”, Ryan (2006) faz importantes apontamentos acerca do quanto as mudanças na economia, política e cultura durante os séculos XVIII e XIX influenciaram as relações familiares e de gênero e, principalmente, busca responder “ao misterioso processo

³ Tradução livre. Original em inglês: “These images of black female servility represented black women as indifferent or absent mothers to their own children, but devoted to their white charges. As such, they exemplified the redirection of slave mothers’ love, labour, and loyalty from their own kin to their owners that slaveholders sought to contrive, and reinforced whites’ ownership of black women’s mothering and mother-work. Black women were thus represented as lacking the ability or desire to parent their own children, but were perfectly suitable for the ‘actual drudgery of childworry’ for slaveholders”.

pelo qual a cultura popular Norte-Americana ficou tão obcecada com a domesticidade feminina”⁴ e a maternidade (RYAN, 2006, p. 3).

Em seu capítulo, Ryan (2006) ressalta que os estados do Norte, no final do século XVIII e início do século XIX, tiveram sua economia rural intensificada. Com raízes bastante profundas na comercialização dos excedentes, os nortistas, nas palavras de Paul E. Johnson (2007): “continuaram a fazer o que seus pais e avós haviam feito: provinham para si mesmos e sua vizinhança e enviavam os excedentes para os portos marítimos para negociar em larga escala”⁵ (JOHNSON, 2007, p. 10). Durante as guerras no continente europeu, as matérias-primas e alimentos possíveis ao transporte marítimo propiciaram um importante crescimento para as cidades portuárias e possibilitaram a importação de diversos produtos manufaturados britânicos. Em fins do século XVIII, as fazendas localizadas nas proximidades dos portos marítimos chegaram a trocar até 40% de seus produtos por crédito ou dinheiro (RYAN, 2006, p. 80).

Nesse ínterim, não só os fazendeiros atuavam no mercado, mas suas esposas também direcionavam seus produtos domésticos para o abastecimento interno das vilas e vizinhanças, principalmente por meio da comercialização dos excedentes de derivados lácteos, aves e ovos. Ademais, a partir das primeiras décadas de 1800, as atividades ligadas ao tear, tradicionalmente ocupadas por tecelões do sexo masculino, começaram a ser realizadas pela mão-de-obra feminina. Segundo Ryan (2006):

Os teares começaram a aparecer não apenas nos lares de fiandeiros artesanais, mas entre outros comerciantes, agricultores e lojistas; agora eram operados por esposas, filhas e servas. As mulheres da Nova Inglaterra muitas vezes tomavam a iniciativa da fabricação em casa (RYAN, 2006, p. 83).⁶

É também nos primeiros anos de 1800 que se registra, na história pós-colonial dos Estados Unidos, uma pequena, porém crescente, queda nas taxas de fecundidade⁷. Tal queda deveu-se, segundo Ryan (2006), à baixa dos casamentos legalmente formalizados e, sobretudo, pelo surgimento e divulgação de técnicas de controle de natalidade. Além disso, o desenvolvimento econômico deu lugar a uma relação mais equilibrada entre recursos e

⁴ Tradução livre. Original em inglês: “the mysterious process whereby American popular culture became so obsessed with feminine domesticity”.

⁵ Tradução livre. Original em inglês: “But most Americans in (1790, nearly nine in ten) lived on farms and continued to do what their parents and grandparents had done: the provided for themselves and their neighborhoods and sent produce to seaports to trade on large scale.”

⁶ Tradução livre. Original em inglês: “Looms began appearing not just in the households of artisan weavers but among other tradesmen, farmers, and shopkeepers; they were now operated by wives, daughters, and female servants. New England women sometimes took the initiative in home manufacturing.”

⁷ Segundo Daniel Scott Smith as taxas de fertilidade caminham da seguinte forma nas primeiras cinco décadas do oitocentos: 1800 Taxa de fertilidade 7,04; 1810 Taxa de fertilidade 6,92; 1820 Taxa de fertilidade 6,73; 1830 Taxa de fertilidade 6,55; 1840 Taxa de fertilidade 6,14; 1850 Taxa de fertilidade 5,42 (SMITH, 1973, p.44).

reprodução, modificando alguns pontos chave das relações patriarcais herdadas da colonização, como, por exemplo, a instrução feminina e sua participação na renda familiar. Segundo Ryan (2006):

(...) Nos estados do atlântico médio, metade de todas as fazendas tinha um excedente disponível para exportação a partir de 1810, quando coletivamente trouxeram quinze milhões de dólares anuais para os cofres das famílias. Grande parte dessa renda veio do trabalho feminino (RYAN, 2006, p. 82)⁸.

Para a autora esse período é um momento distintivo no formato e na compreensão da estrutura familiar, um entremeio do patriarcalismo colonial deposto e o período de ascensão da “mãe sentimental”, instaurada no centro da cultura Vitoriana de meados do século XIX. A cultura religiosa em muito contribuiu para essa mudança, graças, principalmente, a uma sutil, porém importante, transformação no papel participativo da mulher dentro da religião.

Sobre esse aspecto, nos estados do Norte dos Estados Unidos, o florescimento das igrejas Batistas, Metodistas e Presbiterianas trouxe consigo uma participação religiosa permitida às mulheres, principalmente a partir do Segundo Despertar. As mulheres, que à época do Puritanismo tinham seu comportamento bastante regulado, agora poderiam organizar reuniões religiosas e, em alguns casos, concorrer ao governo local das novas igrejas. Obviamente, seu papel ainda era supervisionado pela autoridade masculina do pastor, todavia, sua participação e voz em muito se diferia das primeiras gerações puritanas.

Afora a participação religiosa, na vida política, no entanto, a participação feminina era inexistente. Nesse período, cargos públicos, voto e representação política eram direitos desconhecidos para as mulheres, enquanto que a chefia familiar, o direito à tutela do filho bem como outros direitos, eram dados aos homens pela chamada lei de *Covert*; ao mesmo tempo, a maternidade fora do casamento era bastante condenada socialmente e o ônus de cuidar e sustentar filhos espúrios era, em sua maioria, dado às mulheres.

Em cidades mais urbanizadas como Nova York e Boston, as viúvas, mães solteiras e órfãs eram, de maneira geral, consideradas “drenos dos recursos comunitários” e muitas vezes tinha de se deslocar constantemente pelos arredores das cidades, fazendo com que muitas delas fixassem residências apenas em bairros periféricos e afastados das regiões centrais, uma vez que não podiam manter a si e a seus filhos:

Era um momento precário, em vez de um momento de céu estrelado para essa crescente classe de mães solteiras consideradas como drenos dos recursos da comunidade. (...) Tais mulheres representavam a crescente fileira

⁸ Tradução livre. Original em inglês: “(...) In the mid-Atlantic states half of all farms had a surplus available for export as of 1810, when they collectively brought fifteen million dollars into the family coffers annually. Much of this income came from women’s labor.”

dos "pobres errantes", que tinham a participação brutalmente negada na nova república. A concentração de mulheres, especialmente mães solteiras e viúvas, entre os pobres urbanos é uma evidência arrepiante da desigualdade de gênero que acompanhou os avanços da economia de mercado (RYAN, 2006, p. 86).⁹

É nesse período que os romances de sedução e abandono se tornam importantes vetores pedagógicos da moralidade burguesa e dos perigos da sexualidade feminina. Como “*Charlotte Temple*” de Susanna Rowson, com seu fim trágico, tais romances buscavam alertar às jovens moças os perigos e danos que o exercício de sua sexualidade poderia causar em sua vida e na de seus familiares. De acordo com Ryan (2006) “as mulheres entrariam na nova nação não se vangloriando de seus direitos, mas dos riscos de sua biologia reprodutiva” (RYAN, 2006, p. 88)¹⁰.

Mais especificamente em seu subcapítulo “*Home making in Antebellum and Victorian America*”, Ryan (2006) traça um contorno bastante interessante sobre os anos de 1830 a 1850, mesmo recorte trabalhado por Knight (2018) para os estados do Sul dos Estados Unidos. Segundo Ryan (2006), esse foi um período decisivo de transformação do papel feminino, no qual se operou uma mudança na concepção de comportamento adequado às mulheres: de esposas republicanas, filhas independentes e donas de casa economicamente produtivas, elas passaram a ser enxergadas como ícones da maternidade, santuários da domesticidade cujo símbolo era a torta de maçã. Uma cultura de gênero que teria sido elaborada:

(...) nos espaços da Nova Inglaterra e do Nordeste dos Estados Unidos, e em vários locais discursivos - lugares de culto público, reforma social e cultura impressa, bem como dentro da privacidade da família. Todos esses espaços sociais engrenavam para formar o trampolim a partir do qual "maternidade verdadeira" seria lançada em proeminência na cultural nacional (RYAN, 2006, p. 88-89).¹¹

As religiões protestantes tiveram um importante papel de formação e difusão dessa cultura. O surgimento das Sociedades Femininas de ajuda religiosa, capitaneadas por pastores reformadores e algumas mulheres com ativa participação, desenvolviam trabalhos sociais e

⁹ Tradução livre. Original em inglês: “It was a precarious rather than a star-spangled moment for that growing class of single mothers who were regarded as a drain on community resources. Transient single mothers were warned out of town because they could not support themselves and their children. Such women accounted for the growing ranks of the “the strolling poor,” brutally denied a stake in the new republic. The concentration of women, especially unwed mothers and widows, among the urban poor is chilling evidence of the gender inequality that accompanied the advances of the market economy”.

¹⁰ Tradução livre. Original em inglês: “Women would enter the new nation not boasting of their rights but bearing the risks of their reproductive biology.”

¹¹ Tradução livre. Original em inglês: (...) in spaces of New England and the northeastern United States, and at several discursive sites - places of public worship, social reform, and print culture as well as within the privacy of the family. All these social spaces meshed to form the springboard from which “true motherhood” would be launched into national cultural prominence.

publicações que traziam prescrições de domesticidade em manuais de instrução sobre maternidade que circulavam nos estados do Norte, Nordeste e em algumas comunidades religiosas do Sul, principalmente a partir das décadas de 1830 e 1840:

Trabalhando juntos e em cooperação com pastores e reformadores do sexo masculino, as mulheres inventaram uma série de métodos de monitoramento das práticas sexuais de seus maridos, filhos e companheiros americanos – o ostracismo de sedutores, protestos contra bordéis, até campanhas para promulgar leis contra a sedução. As sociedades de reforma moral feminina foram um dos primeiros flancos mais agressivos e inovadores do movimento para criar aqueles padrões rigorosos de autocontrole sexual que foram chamados de Vitorianos (RYAN, 2006, p. 90).¹²

É o caso da *Boston Female Society for Missionary Purposes* criada em Boston no ano de 1800 pela junção de uma comunidade religiosa Batista e outra Congregacional que possuía o intuito de auxiliar, por meio da pregação religiosa e do recolhimento de donativos, comunidades necessitadas e principalmente “essas pobres e infelizes moças” (COHEN, 1997, p. 168). Uma sociedade missionária que, para além de dar suporte, expressou suas expectativas de moralidade reformista cristã para os então habitantes de um afastado bairro de Boston, o que será pormenorizado mais adiante por meio da análise das correspondências dos reverendos James Davis e Dudley D. Rosseter.

Quarenta anos depois da fundação da Sociedade Feminina de Boston (...), no estado vizinho, Connecticut, uma das mais influentes publicações sobre cuidados domésticos no período era escrita por Catharine Beecher Stowe: *A Treatise on Domestic Economy*, irmã de Harriet Beecher Stowe (escritora de *A Cabana do pai Tomás*) e filha de Lyman Beecher, pastor presbiteriano e abolicionista. Segundo os ensinamentos de Stowe (RYAN, 2006), quando as tarefas mundanas eram realizadas por uma esposa e mãe amorosas teriam influência salutar sobre os filhos e maridos, melhorando suas ações e paixões destrutivas. Suas instruções elaboradas sobre cozinha, medicina familiar, ventilação e etc. deram às donas de casa americanas, e ao ocioso espaço doméstico, uma sensação de propósito no momento em que as empresas produtivas das esposas no mercado diminuiriam. Tais conhecimentos poderiam “ser como companhia para elas, afastando as horas de solidão que de outra forma

¹² Tradução livre. Original em inglês: Working together and in cooperation with pastors and male reformers, women devised a series of methods of monitoring the sexual practices of their husbands, sons, and fellow Americans – ostracism of seducers, protests outside brothels, even campaigns to enact laws against seduction. Female Moral Reform Societies were one of the first, most aggressive, and innovative flanks of the movement to create those exacting standards of sexual self-control that have been named Victorian.

seriam gastas em indiferença, indolência ou descontentamento”¹³ (STOWE *apud* RYAN, 2006, p. 92).

Com suas observações e prescrições para o lar, Stowe uniu o trabalho doméstico à uma contribuição moral, emocional e econômica para a casa americana. Tomando a esfera doméstica nessa nova forma, “Beecher articulou uma teoria de gênero que não só santificou a mãe e sua torta de maçã, mas também a nomeou guardiã da ordem social e política” (RYAN, 2006, p. 93)¹⁴. Nos Estados Unidos:

Os princípios centrais desta teoria política e social foram, em primeiro lugar, a segregação e o isolamento das mulheres no lar, em segundo lugar, o aproveitamento do trabalho doméstico das mulheres para a socialização dos filhos e o controle social dos maridos e, finalmente, a implantação dessas forças conservadoras para modular os excessos da democracia. Esta ideologia vernácula foi totalmente formada em meados do século XIX. Depois de 1850, a nova dona de casa foi polida em uma imagem brilhante da domesticidade (RYAN, 2006, p. 94)¹⁵.

Dessa forma, conclui Ryan (2006):

Em meados do século XIX, os protestantes brancos e nativos tinham virtualmente monopolizado as proporções físicas da estrutura social urbana. A mãe era um crisol – e a torta de maçã era um símbolo – de grande consequência social, cultural e econômica: era a procriadora da classe média americana, o *status* social ainda reivindicava a grande maioria dos americanos, muitos dos quais possuíam uma fatia muito pequena da torta econômica (RYAN, 2006, p. 100)¹⁶.

A feminilidade doméstica e as habilidades de uma mãe amorosa e dedicada criaram uma elaborada e, até certo ponto, inovadora, forma para as práticas culturais e sociais. Ao recolherem-se ao lar, as mulheres, principalmente aquelas de classe média que podiam, a partir de uma renda advinda dos ganhos do marido e de sua família, exercer com precisão seu

¹³ Tradução livre. Original em inglês: “may be as companions to her, whiling away the hours of solitude which would otherwise be spent in listlessness, indolence or discontent.”

¹⁴ Tradução livre. Original em inglês: “Beecher articulated a gender theory that not only hallowed mother and her apple pie but also appointed her the custodian of social and political order.”

¹⁵ Tradução livre. Original em inglês: “The central tenets of this political and social theory were, first, the segregation and isolation of women in the home, second, the harnessing of women’s domestic labor to the socialization of sons and the social control of husbands, and finally, the deployment of these conservative forces so as to modulate the excesses of democracy. This vernacular ideology (as American as you know what) was fully formed by the middle of the nineteenth century.

After 1850 the new housewifery was polished into a glossy image of maternal domesticity”.

¹⁶ Tradução livre. Original em inglês: “By the mid-nineteenth century, white, native-born Protestants had virtually monopolized the middling ranks of the urban social structure. Motherhood was a crucible—and apple pie was a symbol—of major social, cultural, and economic consequence: it was the procreator of the American middle class, the social status still claimed by the vast majority of Americans, many of whom owned a very small piece of the economic pie”.

trabalho de senhora do lar, teriam papel proeminente na formação dos cidadãos e no controle social de seus maridos.

No entanto, essa maternidade santificada e domesticidade metaforizada pela torta de maçã era passível de ser encontrada em alguns lares de classe média branca reformista, mas não na grande maioria das configurações familiares que não atendiam a esse modelo tornado “o padrão contra o qual outras formas de organização da reprodução e da vida pessoal foram julgados” (RYAN, 2006, p. 101)¹⁷.

(...) As mães que tomaram outra direção, concedendo demasiada independência às crianças ou saindo de casa para compor a força de trabalho, arriscaram-se de ser acusadas de negligência infantil ou foram repreendidas como "matriarcas negras". O modelo branco da classe média de domesticidade feminina foi especialmente incongruente com a experiência afro-americana e produtiva de estereótipos tão distorcidos e difamatórios como a *Mammy*, a matriarca negra ou a mãe do bem-estar social. Essas maquinações misticantes da ideologia de gênero servem de lembrete final de que a maternidade e a torta de maçã, embora apenas ícones, exercem uma força cultural real. Entre aqueles que viajaram para a América não como peregrinos, mas como escravos, a maternidade assumiria diferentes significados, e a torta de maçã poderia ter um gosto amargo (RYAN, 2006, 102)¹⁸.

Nesse sentido, Ryan (2006) deixa claro que a ideologia da domesticidade feminina propagada por uma classe média branca protestante se espalhou por toda a cultura popular Norte-Americana como um padrão social, que acabou por excluir e julgar aqueles que não correspondiam a ele. Esses padrões desviantes poderiam, no período abordado, se tratarem de mulheres afro-americanas livres, mesmo em estados em que a escravidão já havia sido abolida (como é o caso da cidade de Boston em Massachusetts), de escravas que eram submetidas a violências senhoriais diretas e indiretas em sua própria parentalidade, imigrantes, que em sua maioria também residiam em bairros afastados (como é o caso de imigrantes irlandeses) e, também, uma porção bastante crescente de mulheres brancas empobrecidas que, por se tornarem mães solteiras, viúvas, ou mesmo órfãs, tinham que trabalhar para prover sua família fora da redoma de seu próprio lar. Como expresso por Ryan (2006) e por Knight (2018), a centralidade da maternidade expressa por um padrão branco, seja ele de classe média ou

¹⁷ Tradução livre. Original em inglês: “the standard against which other ways of organizing reproduction and personal life were judged”.

¹⁸ Tradução livre. Original em inglês: “(...) Those mothers who erred in the other direction, by granting too much independence to children or leaving home for the labor force, risked being accused of child neglect or scolded as ‘black matriarchs.’ The white middle-class model of feminine domesticity was especially incongruent with African American experience and productive of such distorting and defaming stereotypes as the mammy, the black matriarch, or the welfare mother. These mystifying machinations of gender ideology serve as a final reminder that motherhood and apple pie, although just icons, wielded real cultural force. Among those who journeyed to America not as Pilgrims but as slaves, maternity would take on different meanings, and apple pie could have a bitter taste”.

senhorial, em um mesmo período colocou a maternidade e a domesticidade entre as relações de poder, estabelecendo hierarquias relacionais de gênero de acordo com a raça, classe e contexto ao qual as mulheres em questão se encontravam.

Nesse sentido, ao se pensar a história das mulheres no tempo, para que não se caia nos perigos descritivos apontados por Louise Tilly (1994) e em fórmulas cristalizadas de esferas designadas ao gênero como a pública ao masculino e a doméstica ao feminino, é necessário se olhar para os problemas da diferença, para a construção social que possibilitou uma determinada configuração de gênero e os contornos que tal construção assumiu em determinado período, incluindo, principalmente, as hierarquias internas de raça e classe e como a experiência feminina se configura dentro desses padrões.

Um estudo de caso: racialização, moral religiosa e experiência feminina em *West Boston* (1800-1820)

A conjuntura política e econômica de Boston de fins do século XVIII e início do século XIX demarcou importantes modificações em suas dinâmicas internas. A escravidão, que havia sido encerrada como prática legal em Massachusetts a partir dos casos judiciais de Elizabeth Freeman (“*Mumbet*”) e Quock Walker nos anos de 1781 e 1783 foi, muitas vezes, reformulada em outras práticas de exploração, mas, pelo sistema legal, havia sido abolida e desde ao menos 1800, seu fim jurídico era atestado pelo país nos censos de Massachusetts que não registravam a presença de escravos.

Além disso, entre 1812 e 1814, os conflitos no continente europeu entre França e Inglaterra, duas grandes potências que comercializavam produtos Norte-Americanos, tornaram-se cada vez mais problemáticos para as regiões portuárias dos Estados Unidos. Com o embargo consolidado pelo presidente James Madison em junho de 1812, a comercialização com quaisquer das nações em conflito havia sido vetada e as áreas portuárias da região de Nova Inglaterra tiveram que se readaptar ao menos até o fim dos conflitos em 1814, quando da assinatura do Tratado de Ghent que colocou fim ao embargo econômico e a guerra.

Nos anos seguintes a 1815, o crescimento das atividades ligadas ao incipiente capitalismo industrial fez com que a demografia urbana aumentasse consideravelmente. Como bem expressa Jack Tager em *Boston Riots* (2001), vindos de áreas rurais, além-mar ou simplesmente de outros estados, as cidades mais urbanizadas como Nova York e Boston começaram a receber uma população que acabou por competir, de forma acirrada, por

empregos, moradia e espaço dentro de uma dinâmica social já estabelecida. Segundo Tager (2001):

(...) Aumentos nas populações urbanas causaram condições caóticas. A presença de mão de obra excedente afetou o uso da terra. Os pobres foram empurrados para habitações mais baratas causando "segregação e especialização". Ocorreram problemas que eram endêmicos do novo ambiente urbano tais como favelas, falta de saneamento, policiamento e controle de fogo inadequados, gangues e divisões étnicas, consumo irrestrito de bebidas e prostituição, pobreza extrema e miséria óbvia das classes pobres (...) (TAGER, 2001, p. 78)¹⁹.

É nesse contexto de inchaço urbano que a cidade de Boston foi aos poucos redistribuindo sua população. Por meio de uma geografia bastante específica, seus contornos acabam por concentrar, nas regiões centrais, as populações mais abastadas e empurrar, para as áreas periféricas, aqueles que não atendiam as exigências da dinâmica central.

É importante ressaltar que os recenseamentos populacionais que atestam esses contornos sofreram modificações ao longo dos anos de 1800 e 1820, passando a detalhar mais categorias e dados populacionais. Em 1800, por exemplo, o censo listava apenas o nome dos estados, seus condados, cidades e respectivas populações, sem maiores detalhes sobre bairros ou subdivisões societárias dentro das cidades. Na tabulação, o recenseamento era computado em quatro categorias: “*Free white males*”, “*Free white females*”, “*All others free persons except indians not taxed*” e “*Slaves*”, a qual, em Boston e Massachusetts, não consta entrada devido ao decreto de 1783 que colocava fim a escravidão.

Em 1800 a população total de Boston era de 24.937 habitantes, 45% se compunha de homens brancos livres, 50% de mulheres brancas livres e aproximadamente 5% na categoria “*All others free persons (...)*”, que poderia englobar, para ambos os sexos, imigrantes, negros, índios taxados, adultos e crianças. De toda essa população, 24,6% eram crianças abaixo dos 10 anos.

Já em 1820, o censo passou a incorporar novos quesitos populacionais e modificou algumas das classificações relativas às idades, passando a adicionar também categorias como “*Foreigners not naturalized*” e o engajamento econômico das localidades (quantidade de pessoas engajadas na agricultura, comércio e manufatura). Além disso, o censo de 1820 passou também a discriminar o sexo dos escravos (para os estados em que a escravidão era

¹⁹ Tradução livre. Original em inglês: “(...) Increases in urban populations caused chaotic conditions. The presence of scores of working people affected land use. The poor pushed into cheaper housing, causing ‘segregation and specialization’. Problems arose that were endemic to the new urban environment – slums, poor sanitation, inadequate police and fire control, gang and ethnic warfare, drunkenness and prostitution, extreme poverty and obvious misery of the poor classes (...)”.

vigente) e adicionava uma nova categoria: “*Free colored persons*”, separada entre homens e mulheres com suas subdivisões por idade. Também as cidades passaram a ser mais detalhadas internamente, Boston, por exemplo, contava nesse período com 12 subdivisões administrativas numeradas, além das localidades “*Islands in the harbor*”, “*United States ship Independence*”, “*Addomitted*” e “*Chelsea*”.

De acordo com os dados de 1820, de todas as subdivisões de Boston, a região Oeste – West Boston, nº. 6 do censo, era a mais populosa, com cerca de 5.853 habitantes. Das três atividades oficiais descritas – agricultura, comércio e manufatura –, o bairro possuía uma taxa ínfima de engajamento que, se somadas as três categorias, não chegava a 1% da população, apenas 0,83% ou 49 habitantes. Dessa forma, dentro das categorias oficiais, o bairro era enquadrado como uma região pobre, cujas rendas de seus habitantes não eram obtidas a partir de atividades legalmente formalizadas.

Destes habitantes, cerca de 53,80% eram mulheres, entre brancas, imigrantes e negras. Esse bairro, conhecido como *West Boston*, era também o que mais possuía crianças até 14 anos: 1.243, cerca de 21,23% da população local, uma porcentagem grande, considerando as quedas nas taxas de fecundidade a partir do 1800 nos Estados Unidos de forma geral. Em relação à cor da pele de seus habitantes, *West Boston* destacava-se como a região, de toda a cidade, que mais possuía afro-americanos e por isso era conhecida pejorativamente como *Negro Hill*, termo racializado utilizado tanto em alguns documentos administrativos e no romance *The Female Marine* impresso na cidade no período.

Analisando atentamente o censo, pode-se depreender, para além das porcentagens populacionais e suas faixas etárias, algo inserido nas entrelinhas das categorias. Primeiramente, podemos inferir sobre as relações familiares e, segundo, sobre as diferenciações nas categorias de brancos e negros. Para as classificações de homens brancos livres, a possibilidade etária enquadrada no censo para “*heads of families*” era listada a partir dos 18 anos, já para o caso das mulheres brancas livres, a faixa etária para essa categoria se iniciava aos 16 anos. Mas o que significa “*heads of families*” e qual sentido teria para aquela localidade nessa conjuntura?

Heads of families servia para considerar, dentro de uma família, quem era o provedor oficial de renda. Para as famílias que se compunham de marido e esposa e, portanto, estavam dentro dos padrões familiares do século XIX, o enquadramento do censo como “*heads of families*” seria colocado na conta do homem. Já para as famílias em que a mulher fosse sozinha, seja por viuvez, pela maternidade solteira, ou quaisquer outros motivos que

significassem a ausência masculina no lar, a mulher seria enquadrada como provedora da renda familiar. Isso significa dizer que, nas tabulações do censo, para as mulheres brancas e livres, a partir dos 16 anos já havia a possibilidade de prover sua família, enquanto que, para o sexo masculino, a idade subia dois anos mais.

Para os negros livres, por sua vez, a variável “*heads of families*” não era considerada em nenhuma idade e em nenhum sexo. Não se pode inferir, portanto, pelos dados do censo, nada a respeito da chefia familiar em famílias negras, nem em *West Boston*, nem em qualquer parte dos Estados Unidos. Essa ausência em muito pode demarcar as problemáticas das diferenças nas legislações dos estados quanto à questão da emancipação.

Como aponta Herbert S. Klein (2011), essas diferenças eram bastante dinâmicas, no século XIX, apenas alguns estados pertencentes ao Norte permitiam o voto de libertos²⁰, além de alguns proibirem o casamento entre libertos e brancos e “dissolver qualquer tipo de organização negra que porventura surgisse²¹” (KLEIN, 2011, p. 96-97). No geral, em termos de segregação, cabe lembrar que

(...) todos os estados adotaram a regra de um quarto de sangue – se um dos avós fosse negro ou mulato, a pessoa seria mulata –, e todos os mulatos eram tratados da mesma forma que os negros. Libertos (mulatos ou negros) não podiam atuar como testemunhas em processos judiciais envolvendo brancos,²² eram severamente punidos por atacar brancos, e em diversos tipos de crimes eram tratados como escravos e podiam até ser chicoteados. Finalmente, como os escravos, receberiam a pena capital pelo estupro de mulher branca.²³ Muitos estados exigiam a saída de escravos recém-libertos dos seus territórios,²⁴ e a maior parte do sul e alguns estados do norte proibiam sua migração de outros estados.²⁵ Alguns proibiram, ainda, o retorno de quaisquer libertos neles nascidos se os tivessem deixado por qualquer motivo²⁶ (KLEIN, 2011, p. 97).

No bairro *West Boston*, um bairro pobre e sem engajamento nas atividades econômicas oficiais, a maioria da população, 53,80%, era do sexo feminino e, pela alta porcentagem de crianças, pode-se inferir que se tratavam de mulheres que possuíam filhos. Levando-se em conta apenas os dados oficiais percebe-se que dentro dos papéis formais descritos pelo censo

²⁰ Sendo os que proibiam os estados de Delaware em 1787; Kentucky, 1799, Maryland, 1809; Louisiana, 1812; Mississippi, 1817; Alabama, 1819, Nova Jersey, 1820, Missouri, 1820; Tennessee, 1834; Pennsylvania, 1838; Virginia, 1849; District of Columbia, 1851; Oregon, 1859; Indiana, 1851.

²¹ Massachusetts, 1705; Delaware, 1807; Indiana, 1817; Maine, 1821; Tennessee, 1822; Illinois, 1829; Carolina do Norte, 1830; Florida, 1832; Minnesota, 1849-50; Califórnia, 1850; Kansas, 1855; Washington territory, 1855; Novo México, 1859.

²² Carolina do Norte, 1777; Illinois, 1827; Minnesota, 1851; Oregon, 1854; Kansas, 1857.

²³ Kentucky, 1793; Carolina do Norte, 1823; Virginia, 1824-25; Alabama, 1831.

²⁴ Virginia, 1805-6; Carolina do Norte, 1830; Mississippi, 1829; Tennessee, 1831; e Iowa, em 1859, ordenou até a expulsão de todas as pessoas de cor livres.

²⁵ Virginia, 1793; Carolina do Sul, 1800; Maryland, 1806; Delaware, 1807; Geórgia, 1818; Mississippi, 1822; Carolina do Norte, 1826; Tennessee, 1831; Oregon, 1858; Kentucky, 1852; Indiana, 1852.

²⁶ Por exemplo, Geórgia em 1835.

não é possível saber muito a respeito dessas mulheres. Mas, se pensarmos quanto a seus papéis informais, aqueles vividos no cotidiano, como ressaltado nos estudos de Maria Odila (1994) que escapam ao normativo e ao prescrito?

Segundo os estudos de Barbara Meil Hobson (1990), o bairro foi alvo de batidas policiais que contaram com diversos voluntários para acabar com *Saloons* e *Dance Halls* na região. Em 1823 Josiah Quincy, prefeito da localidade, alegou 23 violações de licença para o consumo de bebidas. Essa era, portanto, uma região da cidade portuária em que se concentravam o comércio de bebidas e a prostituição. Segundo Hobson (1990):

Quincy não estava interessado em controlar o consumo de bebidas por si só, mas sim, fechar os lugares abertos por prostitutas, apostadores e vagabundos. A invasão marcou o início de uma política de detenções em massa de prostitutas que continuaram durante o outono de 1823 (HOBSON, 1990, p. 11).²⁷

Não só o poder policial e administrativo buscou intervir em relação à prostituição em *West Boston*, mas também a *Boston Female Society for Missionary Purposes*, a associação religiosa, também buscou, com suas atividades missionárias, intervir no bairro. Entre 1817 e 1818, os reverendos James Davis e Dudley D. Rosseter, incumbidos de algumas dessas atividades, se corresponderam e redigiram alguns relatórios a seus superiores. Em maio de 1817, em um relatório enviado ao secretário da Sociedade, o missionário responsável se perguntava:

A questão havia sido agitada – Se alguma dessas pobres e infelizes moças que vagaram pelos caminhos do vício e da loucura e tiveram seu bom nome e reputação perdidos, estivesse disposta por meio de trabalhos missionários a se reformar e tornar-se correta em sua vida, – o que seria dela? pessoas respeitáveis sentiriam que não seria seguro levá-las às suas famílias; e seus parentes (se tiverem algum) provavelmente teriam pouca confiança em sua reforma para recebê-las em suas casas. Para permanecer onde estão, os expõe não só a sofrimentos, mas a responsabilidade da queda ao pecado. O que pode ser feito? (COHEN, 1998, p. 168).²⁸

Para ajudá-las, o missionário sugere:

²⁷ Tradução livre. Original em inglês: “Quincy was not interested in controlling drinking per se, but rather he wanted to close down the rowdy hangouts of prostitutes, gamblers, and vagrants. The raid marked the beginning of a policy of mass arrests of prostitutes that continued throughout the fall of 1823.”

²⁸ Tradução livre. Original em inglês: “The question had been agitated — Should any of those poor unhappy females, who have wandered into the paths of vice and folly, and forfeited their good name and reputation, be disposed by means of missionary labors to reform and become correct in their lives,- — what is to become of them? respectable persons would feel it unsafe to take them into their families ; and their connections (if they have any) probably would have too little confidence in their reformation to receive them to their homes. To remain where they are, would expose them not only to sufferings, but to a liability of relapsing into sin. What then can be done?”.

Sugeriu-se que fossem necessários "esforços adequados, um Asilo que deveria ser provido, para o qual esses objetos de piedade pudessem recorrer, onde deveriam ser empregadas de maneira apropriada, e o produto do seu trabalho servisse para seu sustento ". (...) A sociedade não se propõe, de forma alguma, levar uma obra de tal magnitude em suas próprias mãos; mas com muita sinceridade e ardentemente recomenda a consideração e patrocínio dos benevolentes e virtuosos; e ajudaria com alegria, tanto quanto necessário (COHEN, 1998 p. 168).²⁹

Em seu estudo, Ryan (2006) já havia levantado a importância social da religião dentro da moralidade e da formação da ideologia de domesticidade nos Estados Unidos. Essa moralidade, bastante presente nos relatórios da Sociedade Missionária, demonstra o quanto o desvio a essa norma geral era um problema não só religioso, mas também público:

Podemos, portanto, concluir que os amigos da religião e da virtude em outros lugares contribuiriam alegremente para uma empresa como essa; particularmente quando é considerado, que uma pequena proporção dessas criaturas infelizes são nativas desse lugar. Elas são coletadas de quase todas as partes do país, e algumas até de climas estrangeiros. A calamidade é uma calamidade pública; A causa da virtude é uma causa pública, e se o bem for feito, será sentida pela comunidade (...) (RYAN, 2006, p. 169).³⁰

Já em 1818, outro relatório narra a trajetória de uma mãe que, mudando-se com sua família para a casa de uma senhora, registra as problemáticas com uma de suas filhas:

Uma mulher, passando o meridiano da vida, residindo sob o mesmo teto, usava linguagem profana e pronunciava blasfêmias em uma parte distante da casa durante a época do culto; e várias vezes depois perturbaram as reuniões por enormidades semelhantes; mas foi eventualmente obrigada a solicitar uma reunião em seu próprio quarto. Uma família decente, embora em circunstâncias baixas, se mudou para esta casa, ignorando o caráter de seus ocupantes. A filha mais velha, uma garota de cerca de 14 ou 15 anos de idade, que parecia discreta, foi em alguns dias seduzida e atraída pelo mais vil dos vis; logo ela se tornou terrivelmente profana em sua linguagem e imodesta em sua conduta; deixou a família da qual era membro, rejeitou a restrição, recusou a submissão a seus pais e parecia estar à beira da ruína. Estando presente no tempo do culto religioso solene, ela foi vista manifestando um grande grau de depravação e uma determinação de se elevar acima de todo o medo de Deus e as consequências de sua ousada impiedade. Ela era excessiva em suas risadas e em seus gracejos banais;

²⁹ Tradução livre. Original em inglês: "It was suggested, that it' proper exertions should be made, an Asylum might he provided, to which those pitiable objects might resort, where they should be suitably employed, and the proceeds of their labor go to their support. (...) The society by no means proposes to take a work of such magnitude into its own hands; but most sincerely and ardently recommends it to the consideration and patronage of the benevolent and virtuous; and would cheerfully help as far as consistent."

³⁰ Tradução livre. Original em inglês: "We may therefore conclude that the friends of religion and virtue in other places would cheerfully contribute to an undertaking like this; particularly when it is considered, that but a small proportion of these unhappy creatures are natives of this place. They are collected from almost all parts of the country, and some even from foreign climes. The calamity is a public calamity; the cause of virtue is a public cause, and if good is done it will be felt by the community (...)".

repetidamente conversada e reprovada. Sua situação era representada por sua mãe, que estava constringida a chorar por ela. As queixas foram reiteradas, e os meios utilizados abundantemente para recuperá-la. Parece que o laço está quebrado, e a jovem imortal escapou. Pense, pense vocês, mães carinhosas, como seus corações se torcerão de angústia, e seus olhos correrão com lágrimas, em vista de suas amáveis filhas, os objetos de sua mais delicada solicitude, enredadas pelas artimanhas dos ímpios e caindo vítimas para os desejos vis de brutos em forma humana (RYAN, 2006, p. 172-173).³¹

O final do relatório demonstra o quanto a maternidade era uma preocupação que não se limitava ao privado, as problemáticas missionárias daquela esfera familiar. Pelo contrário, funcionava como um apelo, um relato que expressava comoção e buscava atingir mais do que aquele núcleo, e sim todas as “mães afetuosas” que deveriam exercer a maternidade tomando conta de seu próprio lar e de sua esfera doméstica.

Dentro de um bairro em que maioria da população era feminina, de classe baixa e possuía filhos, prover a renda familiar ou ajudar a provê-la incluía trabalhos fora da esfera doméstica que poderiam ser desde o comércio ilegal de bebidas, ou quaisquer outros empregos fora de casa, além, é claro, da prostituição, apontada em outras cartas e relatórios da Sociedade Missionária e em outros documentos administrativos do bairro. Para os padrões do século XIX, em que a maternidade era santificada e a domesticidade exaltada, para as mães solteiras responsáveis por sua renda, que vagavam desacompanhadas pelas cidades sem nenhuma referência de parentesco ou emprego em algum estabelecimento moralmente aprováveis, o símbolo da torta de maçã poderia ter um gosto amargo e ainda mais amargo se essas mulheres fossem moradoras de *West Boston*.

Considerações Finais

³¹ Tradução livre. Original em inglês: “A woman, past the meridian of life, residing under the same roof, used profane language and uttered blasphemies in a distant part of the house during the season of worship; and a number of times afterwards disturbed the meetings by similar enormities; but was eventually constrained to request a meeting in her own room. A decent family, though in low circumstances, moved into this house, being ignorant of the character of its occupants. The eldest daughter, a girl about fourteen or fifteen years of age, who appeared discreet, was in a few days enticed and drawn away by the vilest of the vile; she soon became awfully profane in her language, and immodest in her conduct; she left the family of which she was a member, cast off all restraint, refused submission to her parents, and appeared to be on the brink of ruin. Being present in the time of solemn religious worship, she was seen to manifest a great degree of depravity, and a determination to rise above all fear of God, and the consequences of her daring impiety. She was excessive in her laughter and trifling; she was repeatedly conversed with and reprovved. Her situation was represented to her mother, who was constrained to weep over her. Expostulations were reiterated, and means used abundantly to reclaim her. It appears the snare is broken, and the young immortal is escaped. Think, O think, ye affectionate mothers, how would your hearts be wrung with anguish, and your eyes run down with tears, in view of your amiable daughters, the objects of your tenderest solicitude, ensnared by the wiles of the ungodly, and falling victims to the vile lusts of brutes in human form.”

O presente artigo teve como principal objetivo demonstrar como a história das mulheres e de gênero, para além de se apresentar como uma descrição de determinado período histórico, pode ser profundamente profícua em termos de contribuições analíticas no campo da história social. Dentre as contribuições apresentadas, as abordagens de Knight (2018), Torton e Zinn (1996), além de Ryan (2006) demonstram o quanto a epistemologia do feminismo multirracial contribui para desvelar sistemas de opressão que operavam na experiência da maternidade em estados do Norte e Sul dos Estados Unidos no século XIX. Além desses trabalhos, também os de Maria Odila (1994), pioneira nos estudos de gênero no Brasil, elucidam o quanto a compreensão da experiência cotidiana, para além daquela prescrita nos documentos oficiais, colabora não apenas para a abordagem de gênero, mas para todo um conjunto de abordagens de fontes no campo da história social.

Referências Bibliográficas

- COHEN, Daniel A. **The Female Marine and Related Works**. Narratives of Cross-Dressing and Urban Vice in America's Early Republic. Amherst: University of Massachusetts Press, 1998.
- DIAS, Maria Odila Leita da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo do Século XIX**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Novas Subjetividades na Pesquisa Histórica Feminista: uma Hermenêutica da Diferença. **Revista de Estudos Feministas**. Florianópolis: Periódicos UFSC, Vol. II, n. 2, pp. 373-382, 1994.
- HOBSON, Barbara Meil. **Uneasy Virtue The politics of Prostitution and the American Reform Tradition**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- JOHNSON, Paul E. **The Early American Republic 1789-1829**. New York: Oxford University Press, 2007.
- KNIGHT, Rosie. Mistresses, Motherhood, and Maternal Exploitation in the Antebellum South. **Journal of Women's History**. Portsmouth: Winter/2018, Volume 27, n. 30, pp. 1-16, 2018.
- RYAN, Mary P. **Mysteries of sex Tracing Women & Men through American History**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.
- SMITH, Daniel Scott. Family Limitation, Sexual Control, and Domestic Feminism in Victorian America. **Feminist Studies**. Vol. 1, n. 3/4, Winter-Spring, pp. 40-57, 1973.
- TAGER, Jack. **Boston Riots**. Boston: Northeastern University Press, 2001.
- THORNTON, Bonnie; ZINN, Maxine B. Theorizing Difference from Multiracial Feminism. **Feminist Studies**. Vol. 22, n. 2, Summer, pp. 321-331, 1996.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. **Cadernos Pagu**. Campinas, Unicamp, n. 3, pp. 29-62, 1994.